

Criação/Música

Vila Socó meu amor

GILBERTO MENDES

"N ão devemos esquecer os nossos irmãos da Vila Socó, transformados em cinzas, lixo em pó. A tragédia da Vila Socó mostra como o trabalhador é explorado, esmagado sem nenhum dó."

Espanta-me a atualidade dessa constatação que fiz, já quase sete anos passados, ao escrever o texto para minha pequena peça coral *Vila Socó meu amor*. Nada mudou. Na verdade, até que mudou, para pior!

Nunca o trabalhador foi tão explorado, tão enganado, sob o tácio do medieval Senhor dos impostos, agora talvez com o consolo de não estar só, ter por companheiros de infortúnio a classe média, os aposentados em geral. A classe dirigente, numa boa, não abre mão de nada, o povo que faça os sacrifícios impostos pelos planos econômicos "salvadores".

Com minha música, pretendi ter feito alguma coisa *in memoriam* dos mortos por aquela verdadeira bomba de Hiroshima que foi a explosão da Vila Socó. Por isso a lembrança, no título, de Alain Resnais, da imensa piedade pelo destino dos homens, que seu extraordinário filme comunica.

Meu colega Celso Delneri dirigia um coral feminino no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP e me havia pedido uma música. O horror diante da terrível notícia deu-me o impulso. Quase um improviso, ao correr dos dedos no piano, a música foi pensada para vozes femininas, à maneira das canções corais dos *partisans* da região do Voronejo, no tempo da grande guerra pátria dos russos contra o nazismo. Um mesmo período musical é repetido cinco vezes, com dois textos que também são repetidos alternadamente, de acordo com aquele minimalismo natural que encontramos na música folclórica de muitos povos.

Quando cantada nas imediações de Cubatão, a música comove a audiência, que já chegou a chorar. Não vou me orgulhar por provocar tristeza nos outros, mas me satisfiz saber que denunciar funciona. Mas até que ponto?

A despeito das promessas e alegadas realizações, o meio ambiente continua sombriamente poluído. Volta e meia Cubatão entra em estado de alerta; ainda há pouco tempo explodiu e ardeu durante seis horas um grande tambor de gás, colocando em perigo toda a Baixada Santista, que estive à beira de outra tragédia, de muito maiores proporções do que a de Vila Socó. O descaso não tem fim.



199
5990

VILA SOCÓ MEU AMOR (in memoriam)

para vozes femininas

Gilberto Mendes
música e texto

Fevereiro
1984

$\text{♩} = 80$ como um lamento dedicada ao Celso Delneri

The musical score is written for voice and piano. It consists of two systems of three staves each. The first system covers the first two lines of lyrics, and the second system covers the last two lines. The music is in 4/4 time, with a tempo of 80 beats per minute. The key signature has one sharp (F#). The score includes vocal lines with lyrics and piano accompaniment. The lyrics are: 'não de ve mos a tra ge dia es que cer os da Vi la So co nos sas ir mãas da - Vi la So co mas tra co meo tra ba lha dor e trans for ma do ex plo ra do das em cin zas es ma ga do 3/4 li xo em po sem ne nhum do'.

cantar 5 vezes, alternando os textos I-II-I-II-I
as 3 primeiras, de "ppp" a "quasi mf", crescendo gradualmente
a quarta de "quasi mf" a "quasi f", cresc. gradual.
a última toda em "ppp"
as 5 vezes sem interrupção, sem ritard. ou accel., sempre
legato
no último compasso da última vez, "poco rallent."

GILBERTO MENDES

Os compositores brasileiros que produziram a partir do século XX podem ser compartimentados através das tendências. Villa-Lobos, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri e Cláudio Santoro evidenciam fidelidade básica às características nacionalistas. Com a *ruptura de mercado* que se dá a partir, na essência, da ação cultural voltada às correntes universalmente contemporâneas, monitoradas sobremaneira por H. J. Koellreutter, a criação da música de concerto no Brasil empreenderia percursos os mais diversos, comprometendo-se, e muito, com o que ocorre nas várias categorias mundistas.

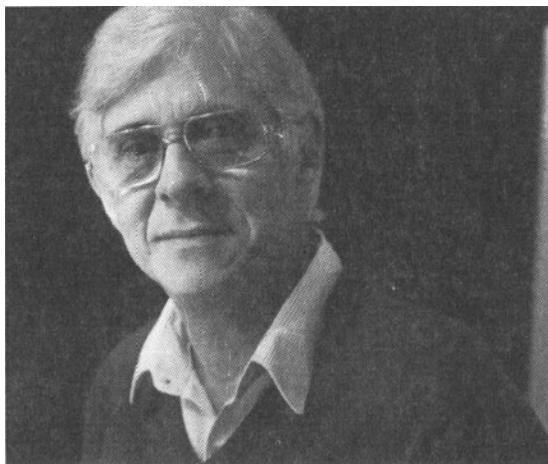
É possível ser Gilberto Mendes, hoje, o mais significativo compositor-pensador deste país. Signatário do "Manifesto Música Nova" de 1963, em nenhum momento deixou de produzir, escrever textos e o seu trabalho demonstra desde a gênese da composição homogeneidade e coerência, sempre na busca do novo, entenda-se este, sem pressionamento. O Festival Música Nova, criado por ele, nasce em Santos em 1962; perdura até hoje a apresentar fundamental produção contemporânea brasileira e internacional e, em sendo por acréscimo o amplo leque de opções que se abrem, sobremaneira, a Gilberto Mendes, um

observador infatigável.

Homem das esquerdas, suficientemente cômico dos valores do socialismo, mas nostálgico crítico dos erros humanos — entre os quais a distorção da perpetuação no poder —, Gilberto Mendes persiste socialista e tem esperanças em um novo sistema a contrapor o capitalismo em suas multifacetadas roupagens, mas em acelerado caminhar em direção ao impasse.

O arguto observador da rigidez nacionalista não deixa de ser igualmente nacionalista e a obra insiste na rítmica nativa, mas entremeada de conteúdos jazzísticos e populares americanos — alguns de seus mitos — sendo *Ulysses em Copacabana surfando com James Joyce e Dorothy Lamour* (1988), encomendada pelo Festival Internacional de Patras na Grécia, em 1989, com a presença do autor, ou *Eisler e Webern caminham pelos mares do Sul*, estreada em Potsdam, na antiga RDA, em 1989, exemplos típicos.

Viajante inveterado, aberto ao passado e ao novo, penetra a fronteira da setuagenariedade na observação *in loco* de países que, visitados, profissionalmente substanciam-no através da sua compreensão profunda das etnias ou das várias internacionali-



Gilberto Mendes

dades que autores como ele, de outras plagas, entendem-se em relacionamentos profícuos. México, Venezuela, Chile, Portugal, Espanha, Alemanha, Áustria, Grécia e os cursos universitários que ministrou como University Artist (1978-1979) em Wisconsin, Milwaukee e como Tinker Visiting Professor (1983) em Austin, Texas. Sob outro aspecto, em muitos dos países ocidentais a sua obra já foi apresentada.

A produção de Gilberto Mendes é extensa, dela fazendo parte: obra sinfônica, para piano e orquestra, camerística em formações singulares, coral, canto e piano e instrumental, onde se destaca a diversificada coleção pianística.

Gilberto Mendes, santista na acepção, fascinado pelo oceano e a praia, assim como pela sala de cinema ao escurecer — o seu templo preferido —, passo primeiro para o desvelamento do desfilar de seus ídolos Clark Gable, Greta Garbo, Gary Cooper e dos diretores Ingmar Bergman, Akira Kurosawa ou de muitos

dos principais norte-americanos; é igualmente o denunciante da tragédia ou da hipocrisia do sistema em que vivemos.

Vila Socó (1983) e *O último tango em Vila Parisi* (1987) contêm cargas da crítica permanente ao descaso e, sob outra égide, *Beba, Coca-Cola* (1966) é a crítica ao consumismo, arquitetado pragmaticamente pelo sistema.

Professor do Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, Gilberto Mendes, neste ano de 1992, permanece rigorosamente pleno de insatisfações: "aquele que cria, se estiver satisfeito, estanca", confessava-me ele; de um magistério em país que despreza a Cultura; do crítico sutil que perdeu espaços nos veículos que foram contaminados pela mídia comprometida; do pensador que compõe tentando compreender o absurdo do hoje.

* *José Eduardo Martins* é pianista e professor do Departamento de Música da ECA/USP.